

VOGUE

PORTUGAL



NEW LUXURY





Poltrona *Sfera Plus*, em madeira e pele, Zanini de Zanine na Loja de Design Brasileiro da QuartoSala, na Casa Pau-Brasil.

Metamorfose ambulante

Seguíamos com ânsias sôfregas o trabalho de Zanini de Zanine, mas se há coisa que a Internet (ainda) não nos permite é sentir o toque, o cheiro e a pureza de um objeto a que entregámos o coração. Permitiu-nos, no entanto, falar com o *designer* com um oceano de distância enquanto olhamos, em carne e osso, pele e madeira, para a criação que já tornou icónica. *Por Irina Chilas.*

Tente descobrir uma publicação de renome que ainda não tenha caído aos pés de Zanini. Vá lá, nós esperamos, temos tempo. Enquanto isso, reclinemo-nos numa poltrona de madeira maciça e contemos uma história. Zanini nasceu no Rio de Janeiro em 1978 já com o peso sobre os ombros de ser filho da cineasta Fernanda Borges e de José Zanine Caldas (que, aos 13 anos, fazia presépios de Natal com as caixas de seringas do pai, médico e, no auge da sua carreira de *designer* e arquiteto era apelidado Mestre da Madeira). Cresceu, por isso, no meio de um ateliê que lhe enchia os olhos e as ideias mas, mesmo assim, por viajar tanto, por mudar tantas vezes de horizonte, queria formar-se em Direito Internacional. Felizmente para nós, o ADN é uma coisa muito forte e o *design* falou mais alto. É claro que, conhecendo de raiz os pilares que erguem o desenho de um produto, estagiou com Sérgio Rodrigues, o maior dos maiores. Foi com ele que produziu o seu primeiro móvel e, a partir daí, os dados estavam mais que lançados. Arrebanhou a madeira maciça como o seu grande amor e,

a partir de 2003, foi experimentando com materiais de construção – de vigas a colunas e mourões de casas antigas – erguendo o que se chamaria de Carpintaria Contemporânea. Nós chamamos-lhe criatividade. Em 2011 nasce o Studio Zanini – apesar de o *designer* já produzir industrialmente desde 2005 – no qual o criador desemboca a assumida inspiração brasileira com a procura incessante de materiais nobres usados de forma sustentável. O respeito pela natureza e pela matéria-prima está-lhe impresso nos dedos e talvez seja por isso – e pela lufada de ar fresco que trouxe ao *design* carioca – que a lista de prêmios que recebeu é tão extensa que não temos nem tempo nem espaço para a citar. O que Zanini trouxe de novo foi o orgulho assumido pelo produto nacional – um pouco como Alex Atala tem feito na cozinha – mostrando que a internacionalização faz sentido, sim, mas não implica ter de abdicar da nacionalidade que está escrita no passaporte. O segredo está no equilíbrio: peças contemporâneas, tão majestosas quanto simples, que atingem a intemporalidade pela devoção profunda ao mundo em que vivemos. Isto faz-se através de uma consciência ativa, de uma sensibilidade inabalável, de uma noção que, infelizmente, tantas vezes se perde em prol da ambição. Mas se Zanini já é um fenómeno concreto, sólido, consolidado, porquê dedicar-lhe palavras agora? Primeiro, porque o talento não pode ser medido em anos de carreira e o amor pelo que se faz merece sempre todos os versos. Segundo porque a *Serfa Plus*, o clímax da sua genialidade, chega agora a Portugal. É a materialização da cultura brasileira, em jeito de piscar de olho a Sérgio Rodrigues e Ricardo Fasanello, pregada em madeira de tauari natural e couro *camel* – a tocá-la com mãos excitadas, é ir ao *corner* da QuartoSala na Loja de Design Brasileiro na Casa Pau-Brasil. Vale a pena, prometemos, tal como vale a pena ler as palavras de Zanini, que falou com a *Vogue* muito em tom Raul Seixas, muito em: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante/ Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.” Porque quando a mente é uma tela em branco, a genialidade tem espaço para nascer.

Como é que sente que foi a progressão da sua carreira até hoje? Calma e pausada ou parece que, de repente, aconteceu tudo ao mesmo tempo?

Desde muito pequeno absorvi através de meu pai, arquiteto, e da minha mãe, cineasta, uma rica carga de informações do mundo da criação devido ao ciclo de amigos formado por verdadeiros pilares da cultura brasileira. Conheci desde pequeno Lúcio Costa, Tom Jobim, Jorge Amado e Zélia Gatai, Sérgio Rodrigues, Sérgio de Camargo, Burle

Marx, Oscar Niemeyer, entre outros, e aprendi a observar e a valorizar, ainda criança. Tenho a sensação de que comecei a envolver-me nessa carreira desde essa época. Fui assimilando e amadurecendo o processo de valorização da cultura brasileira e pesquisa da mesma, para me envolver mais especificamente no mobiliário, no produto. Esse privilégio que tive tento aplicá-lo no trabalho e vou carregá-lo comigo para sempre.

Costumamos ouvir que já tudo foi inventado. Concorda? Para um criativo, como é ouvir uma frase destas? Isso é frase de preguiçoso! Tínhamos o pombo-correio, depois o telégrafo, depois o telefone fixo, depois o “celular”. Tudo está em evolução, cada produto no seu tempo! Acredito que os criativos bem-intencionados não podem pensar dessa forma, eles contribuem para esse progresso... Em grande parte pequenos detalhes podem mudar muita coisa...

Das peças mais exclusivas ao *design* para a indústria: como é que é, para si, projetar o *design* para meios tão distintos? O lado artesanal complementa o industrial e vice-versa. O artesanal resgata a rica carpintaria brasileira, traz-me mais possibilidades de “viajar” nos desenhos, enquanto o industrial traz-me o compromisso com exigências do mercado, com os processos de produção industrial.

Como é que sente o *design* em 2018? O que é que, para si, é hoje uma possibilidade que nunca tinha sido antes? Sinto-me cada vez mais pesquisador das minhas raízes: carioca, baiana, italiana, portuguesa e paraense já que, como grande parte dos brasileiros, tenho grande miscigenação... Sinto-me cada vez mais maduro. O suficiente para, recentemente, ter começado a desenvolver mais projetos para espaços físicos, como por exemplo, um prédio residencial que desenhei em Ipanema, Rio de Janeiro.

O *design* é um luxo? Se tivermos em conta que o *design* grande parte das vezes é o casamento da arte com a tecnologia, a favor do ser humano e do nosso planeta, acredito que podemos considerá-lo um luxo. O que é que significa, para si, o conceito de luxo nos dias que correm? Levando para um âmbito mais geral, a meu ver, acredito que o luxo hoje seria o tempo, o silêncio, a simplicidade.

Vivemos hoje um tempo muito acelerado e uma sociedade muito exigente. O que é que sente que falta ao *design*? Procurar imediatamente materiais realmente sustentáveis para atender a esse consumo acelerado.

O que é que mais lhe desperta a criatividade? A arte, a arquitetura e a natureza oriundas do Brasil.

O que é que criar o faz sentir? Faz-me sentir livre.

O que é que lhe falta criar? Um sabonete. ●

“SE TIVERMOS EM CONTA QUE O DESIGN GRANDE PARTE DAS VEZES É O CASAMENTO DA ARTE COM A TECNOLOGIA, A FAVOR DO SER HUMANO E DO NOSSO PLANETA, ACREDITO QUE PODEMOS CONSIDERÁ-LO UM LUXO.”